

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM DOCÊNCIA NA
EDUCAÇÃO BÁSICA

Sebastião Bernardo dos Reis

**O SILENCIAMENTO DA ESCOLA SOBRE AS RELAÇÕES ÉTNICO-
RACIAIS**

Belo Horizonte

2010

Sebastião Bernardo dos Reis

O SILENCIAMENTO DA ESCOLA SOBRE AS RELAÇÕES ÉTNICO- RACIAIS

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em História da África e Cultura Afro-Brasileira, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador(a): Liliane Jorge
Miriam Jorge

Belo Horizonte

2010

Sebastião Bernardo dos Reis

O SILENCIAMENTO DA ESCOLA SOBRE AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em História da África e Cultura Afro-Brasileira, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador(a): Liliane Jorge
Miriam Jorge

Aprovado em 11 de dezembro de 2010.

BANCA EXAMINADORA

Liliane Jorge – Faculdade de Educação da UFMG

Miriam Jorge – Instituição a que pertence

RESUMO

Este trabalho consiste na sistematização de um Plano de Ação Pedagógica, desenvolvido no ano 2010, na Escola Municipal IMACO, em uma turma de alunos de 12 e 13 anos e em três turmas de alunos de 13 a 15 anos, bem como entre os professores dessas turmas.

O tema central deste trabalho foi o silenciamento da escola sobre as relações étnico-raciais e teve como principal objetivo rompê-lo, incorporando a temática no Projeto Político Pedagógico da mesma.

Este trabalho está estruturado em três partes.

Na primeira parte, fazemos uma descrição do contexto em que o Plano de Ação Pedagógica foi desenvolvido, apresentamos a temática escolhida e sua justificativa teórica, bem como seus objetivos gerais e específicos.

Na justificativa discutimos teoricamente acerca das representações que os professores, alunos e comunidade escolar fazem da escola e como foram construindo tais representações idealizadas ao longo do tempo.

Na segunda parte descrevemos o desenvolvimento das ações, destacando o levantamento feito junto aos professores das quatro turmas, através de questionário, e o projeto Para além do 13 de maio, desenvolvido com os alunos dessas mesmas turmas.

Finalmente, na terceira parte, apresentamos uma avaliação do trabalho feito, ressaltando o que funcionou e o que não deu certo, além de propormos algumas soluções para os problemas percebidos e uma defesa intransigente da implementação dos princípios da Lei 10.639/2003.

Palavras-chave: - relações étnico-raciais, Língua Portuguesa, silenciamento

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6 a 12
1.1. A Escola Municipal IMACO	6
1.2. Um breve histórico	6 a 7
1.2.1. As turmas nas quais foram desenvolvido o Plano de Ação Pedagógica	7 a 8
1.3. A temática do Plano de Ação Pedagógica e justificativa	8 a 11
1.4. Objetivos	12
1.4.1. Objetivos Gerais	12
1.4.2. Objetivos Específicos	12
1.5. Metodologia e desenvolvimento da ação pedagógica	12 a 13
1.5.1. Ações voltadas para os professores	13 a 15
1.5.2. Ações voltadas para os alunos	15 a 17
1.6. Avaliação	18 a 19
1.7. Referências	20
1.8. Anexos	21 a 54

1. INTRODUÇÃO

1.1 A Escola Municipal IMACO

A Escola Municipal IMACO- EMIMACO- integra a Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte¹. Trata-se de uma escola com 59 anos de existência. Ao longo de sua história, passou por diversas transformações: mudou de nome algumas vezes, mudou a modalidade de ensino ofertada várias vezes, mudou a capacidade de atendimento (número de alunos). Em 1951, por exemplo, a escola começou a funcionar com 92 alunos. Esse número cresceu ano a ano e, em 1980, chegou a 4588 alunos. De lá para cá, até a saída do Parque Municipal esse número oscilou entre 3500 e 4000. A partir da mudança para a Rua Gonçalves Dias, em 2008, a sua capacidade de atendimento reduziu drasticamente para cerca de 900 alunos.

Número de turmas por turno e Ciclo de Formação Escola Municipal IMACO EMIMACO/2010		
TURNO	Nº DE TURMAS	CICLO DE FORMAÇÃO Ensino Fundamental
MANHÃ	4	SURDOS
	8	3º
	3	2º
TARDE	2	EJA
	5	2º
	5	1º
NOITE	2	EJA

1.2 Um breve histórico

A idéia da criação da escola surgiu em 1951, durante o II Congresso Estadual dos Estudantes do Comércio de Minas Gerais.

Em setembro de 1953 o vereador Dr. Francelino Pereira dos Santos apresentou o Projeto de Lei à Câmara Municipal de Belo Horizonte, propondo a criação da escola. O projeto se transformou na Lei 371, de 01/05/1954, que dispunha sobre a criação da Escola Técnica de Comércio Municipal e na Lei 384, de 30/04/1954 que dispunha sobre a sua organização.

¹ A Escola Municipal IMACO –EMIMACO- localiza-se, atualmente, à rua Gonçalves Dias, nº 1188, Bairro Funcionários, Belo Horizonte. Contava, ao início do ano de 2010 com 29 turmas e 875 alunos.

Até ser instalada no Parque Municipal Américo Renê Gianetti, a Escola Técnica de Comércio Municipal funcionou na Escola Técnica de Comércio da Associação dos Empregados do Comércio e no Grupo Escolar da Vila Aparecida.

Em 14/12/1961, a Lei 903 transformou a Escola Técnica de Comércio Municipal em Instituto Municipal de Administração e Ciências Contábeis – IMACO, criando os Cursos Superiores do IMACO, que, mais tarde, foram transformados em Autarquia Municipal pela Lei 1842, de 29/04/1968.

O Decreto Municipal nº 1687, de 17/11/1968, deu a denominação de Faculdade Municipal de Ciências Econômicas de Belo Horizonte – FAMCE aos Cursos Superiores do IMACO.

A Lei 1973, de 20/07/1971, transferiu a FAMCE para Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, cabendo ao IMACO atuar somente da 5ª a 8ª séries do então denominado ensino de Primeiro Grau e nos três anos do 2º Grau, com cursos profissionalizantes.

Em 1998 a Secretaria Municipal de Educação extinguiu o Curso Técnico Profissionalizante, restringindo a atuação do IMACO ao Ensino Fundamental, de 5ª a 8ª séries, e ao Ensino Médio.

Em 2001 a escola é transferida para a Faculdade de Odontologia da UFMG, na Cidade Jardim, para a reforma do prédio do Parque Municipal, feita com verba do Orçamento Participativo, conseguida após uma intensa mobilização da comunidade escolar para tal objetivo. No início de 2002, após conclusão da reforma, a escola retorna ao Parque.

Nesse mesmo ano, o Decreto 11.064, de 18/06/2002, altera o nome de Instituto Municipal de Administração e Ciências Contábeis - IMACO para Escola Municipal IMACO.

No ano de 2008 a IMACO é retirada do Parque Municipal e levada para as atuais instalações à Rua Gonçalves Dias, nº 1188, Bairro Funcionários. No ano de 2009, por determinação da Secretaria Municipal de Educação, a escola encerrou a oferta do Ensino Médio², ficando sua atuação restrita ao Ensino Fundamental -1º, 2º e 3º Ciclos- e às modalidades Ensino Especial e Educação de Jovens e Adultos-EJA.

Todo esse levantamento histórico é importante, pois a dinâmica político-pedagógica da escola atual está profundamente marcada por essa trajetória. Essa discussão será aprofundada no tópico relativo à justificativa.

1.2.1 As turmas nas quais foi desenvolvido o Plano de Ação Pedagógica

² Em função da promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional- LDB9394/96- A oferta do Ensino Médio passou a ser de competência dos Estados, que deverão ofertar esta etapa da Educação Básica, juntamente com o Ensino Fundamental obrigatório, cabendo aos municípios a oferta do Ensino Fundamental e da Educação Infantil .

O Plano de ação, inicialmente, envolve quatro turmas do Ensino Fundamental. Uma turma de 1º ano do 3º ciclo, composta por 30(trinta) alunos. São alunos oriundos de diferentes partes da cidade como: aglomerados, bairros da periferia de Belo Horizonte e até de algumas cidades da Região Metropolitana da capital. Na turma a presença de alunos pretos(as) e pardos(as) é significativa, acima de 60%. O desempenho escolar apresenta problemas, pois mais da metade dos alunos da turma apresentam dificuldade de aprendizagem, conversa incessante, desinteresse e dificuldade de concentração.

As outras três turmas envolvidas no plano são de 2º ano do 3º ciclo. O número de alunos em sala está entre 27(vinte e sete) e 31(trinta e um) alunos. Quanto à origem, ao pertencimento racial e ao desempenho escolar as turmas são idênticas entre si e muito parecidas com a turma de 1º ano do 3º ciclo descrita no parágrafo anterior.

1.3 A temática do Plano de Ação Pedagógica e justificativa

A temática escolhida é o silenciamento da escola sobre as relações étnico-raciais, pois, segundo o trabalho realizado pela pesquisadora Vanda Lúcia “O racismo e o desempenho escolar de crianças negras”(UFMT,2007), estudos apontam os profissionais da educação como “relevantes elementos definidores do desempenho escolar”, quer dizer, a atuação dos docentes pode servir para reforçar o insucesso ou ser um diferencial na conquista do sucesso escolar. Um ou outro dependerá, em grande medida, da capacidade desses profissionais de identificar e combater, no ambiente escolar, as imagens negativas correntes no imaginário social, os estereótipos negativos associados aos negros e aos pobres, impedindo que isso influencie ou diminua suas expectativas quanto a esses educandos.

Justifico também, a escolha desta temática, pela situação específica vivenciada pela EMIMACO. O silenciamento hoje percebido em torno das questões raciais, a meu ver, relaciona-se, em grande parte, com representações que professores, alunos e a comunidade escolar em geral, foram construindo ao longo do tempo, acerca da escola como uma instituição ideal voltadas para o aluno ideal.

Durante todo o tempo em que o então denominado ensino de primeiro grau funcionou junto com os cursos profissionalizantes, toda a estrutura da escola e todos os esforços pedagógicos se voltavam para o atendimento dos alunos do Ensino Profissionalizante. Havia uma liberdade muito grande para exercer a autonomia escolar, sem a cobrança ou o acompanhamento adequado da Secretaria Municipal de Educação. A impressão de qualquer observador que olhasse a escola de fora do grupo de trabalhadores dela era a de que o grupo se energizava, orientava seu trabalho e se posicionava estimulado pela fama e pelo respeito de que a escola desfrutava na cidade. Ao menos era isso que se depreendia dos diversos relatos de professores, funcionários, pais de alunos e ex-alunos que, quando falavam da escola, sempre diziam “se tratar da melhor escola da prefeitura e a melhor a que os

alunos poderiam ter acesso”(professores e funcionários) e que a escolha da escola para matricular os filhos era porque “ela era bem conceituada, boa e muito séria”(pais de alunos).

Exagerados ou não, conscientes ou não, parece que esses modos de ver a escola foram cristalizando um perfil pedagógico e administrativo que remetem sempre àquele passado. A escola se transformou, os alunos são outros, pouquíssimos são os professores e funcionários que atuaram naquele passado, mas ele continua influenciando as posturas, as falas, as práticas e gerando uma grande insatisfação e um mal-estar generalizado no ambiente escolar.

Outra fonte interessante para se perceber como a trajetória histórica da EMIMACO permanece influenciando pedagogicamente o presente da escola é seu Projeto Político Pedagógico-PPP. Trata-se de um documento que, ao que tudo indica, foi elaborado no ano de 1991. Nele é possível encontrar trechos como essa da introdução: “*O projeto político-educacional do Instituto Municipal de Administração e Ciências Contábeis – IMACO tem, como fundamento maior, a institucionalização da escola, que busque a integração sócio-político educacional em segmento da sociedade belohorizontina...*” ou seja, já na abertura do PPP da escola fica claro que o olhar estará sempre voltado para fora da escola.

Na parte intitulada Filosofia Educacional do IMACO encontramos: “*O IMACO, desde o início, tem seguido os princípios, que justificam sua existência e a finalidade de sua criação, consolidando o Curso Técnico de Contabilidade...*” ou “*...O IMACO tem, como meta, além de oferecer a habilitação profissional, a formação integral de cada aluno, fazendo dele um cidadão consciente, convicto de seus valores, útil à sociedade (grifo meu)...*” e fechando essa parte há a seguinte citação do Padre Teilhard Du Chardin “*Viver na alegria! Encontrar esta alegria continua a ser o mais divino dos deveres, alegria incondicional a respeito de todas as realidades terrestres.*”

O viés moralizante do documento é tão nítido que na parte intitulada Pedagogia da Escola está registrado assim: “*Queremos um povo livre, não libertino*” ou mais à frente, na mesma parte, “*O objetivo do IMACO é formar o homem que faça sua história como a fizeram renomados profissionais que por aqui passaram, reconhecidos, hoje, no mercado de trabalho.*”

Nas poucas referências feitas, no documento, sobre o ensino de 1º grau, podemos perceber que a escola não se sentia responsável pelo insucesso dos alunos e justificava isso com falas que repercutem até hoje na fala dos professores. Está registrado assim na parte intitulada Organização da Escola: “*Os alunos do 1º grau, até o ano de 1987, e os novatos de 2º grau, até o ano de 1990, eram admitidos, mediante rigoroso exame de seleção. Isso permitia à Escola contar com clientela própria, especial, podendo desenvolver cursos de nível mais elevado.*”

Quando a Secretaria Municipal de Educação proibiu a realização dos tais “rigorosos exames” de seleção a escola sentiu o efeito e justifica assim o insucesso dos alunos: “... o aluno de 5ª série já chegava à Escola, com o conteúdo básico de

1ª a 4ª série, bastante defasado, o que impedia a progressão da seriação. É isso, insucesso, que se prolonga, pois acelerar o fluxo, pela simples razão de se evitar a repetência, é comprometer a qualidade de ensino...” (grifo meu). O destaque é necessário porque ele explica muito bem o motivo de encontrarmos, na escola, turmas de 5ª série com 3 a 5 anos de repetência nessa mesma série ainda nos anos de 1994, 1995 e 1996. Uma incômoda realidade com a qual passei a conviver, a partir de 1994, quando fui lotado como professor da escola.

Dessa forma, pude acompanhar de perto como o coletivo de professores enfrentava a nova realidade trazida pelas mudanças. Os desafios, os conflitos, a resistência, o mal-estar, enfim, tudo de negativo que o novo quadro impunha a uma escola que acreditava ser um destaque pedagógico dentro de uma rede de ensino a qual ela não reconhecia e da qual não se sentia parte integrante.

A escola de hoje apresenta-se com os seguintes indicadores, apurados a partir de questionários preenchidos em 2009, durante a realização da matrícula escolar:

ALUNOS COM BOLSA ESCOLA	9,27%
ALUNOS COM BOLSA FAMÍLIA	5,00%
ALUNOS COM BOLSA ESCOLA/FAMÍLIA	4,00%
ALUNOS COM DEFICIÊNCIA E.F.	0,00%

RAÇA/COR

BRANCA	27,00%
PRETA	14,00%
PARDA	55,00%
AMARELA	0,00%
INDÍGENA	0,00%
NÃO DECLARADA	3,00%

Fonte: Secretaria Municipal de Educação

A partir desses dados, percebe-se claramente a presença maciça dos alunos da raça negra. Esse fato por si só já deveria ser um indicador para que a escola implementasse uma prática pedagógica que contribuísse para a promoção desse grupo social, conforme propõe Vanda Lúcia Gonçalves (2007), da UFMT, no seu trabalho: O Racismo e o Desempenho Escolar de Crianças Negras. No entanto, o que ocorre é o mais completo silenciamento sobre as questões raciais.

O discurso dos professores, das coordenações e da direção da escola sobre o rendimento escolar insuficiente desses alunos não difere muito das constatações já levantadas em outros estudos, compilados por GONÇALVES (2007) tais como: Rosemberg (1987), Romão (2001), Hansembalg (1987), Barreto (1981), entre outros, ou seja, *as justificativas são sempre baseadas em estereótipos cristalizados na sociedade em geral e nunca nas práticas educacionais que tendem a padronizar*

comportamentos, posturas, cobranças e ritmos partindo-se sempre de um modelo ideal de aluno e não do aluno real.

Por essa razão e porque, de fato, a escola precisa de práticas pedagógicas que incorporem as questões raciais na sua rotina, precisa sair definitivamente do estado de silenciamento em que se encontra é que proponho este Plano de Ação Pedagógica que toma como temática central : O silenciamento da escola sobre as relações étnico-raciais.

Minha intenção é a de que este Plano de Ação Pedagógica venha a contribuir com a efetivação dos princípios dispostos na Lei 10639/2003, segundo a qual, torna-se obrigatório a inclusão de temáticas relativas à educação das relações étnico-raciais na Educação Básica.

Este Plano de Ação Pedagógica teve dois focos distintos: professores e alunos. Buscou desenvolver ações junto aos professores, objetivando a coleta de dados acerca da concepção dos mesmos em torno das questões raciais. Tais dados poderão, futuramente, subsidiar propostas específicas de formação em serviço na EMIMACO, especificamente nesta área.

Com este objetivo é que foi elaborado o questionário em anexo. Através dele procura-se levantar junto aos docentes se eles têm consciência e percepção da presença maciça de alunos pretos e pardos nas turmas em que exercem seu trabalho, como é o desempenho desses alunos quando comparados aos alunos brancos, o que eles conhecem da Lei 10.639/2003, o que pensam sobre as questões raciais, se têm alguma prática pedagógica que contemple a temática e como a executam, etc.

De posse dos dados, é possível antecipar dois caminhos a palmilhar:

- 1) O desenvolvimento de um projeto que atue primeiro na formação dos professores e professoras da escola para um posterior trabalho com os alunos. Tal formação ajudará o coletivo de professores na construção de um plano de ação coletivo que incorpore a temática racial, com posterior inclusão da mesma no Projeto Político Pedagógico, PPP, da escola.
- 2) O desenvolvimento de um plano de ação sobre a temática racial, junto aos alunos de quatro turmas do 3º ciclo da escola pretende levá-los a conhecer a História da África e a Cultura Afro-Brasileira, a valorizar e a orgulhar-se de seu pertencimento racial, a rejeitar qualquer forma de preconceito, mudando a maneira de perceber e vivenciar os Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros, conforme folha em anexo.

Assim, o silenciamento, até hoje existente, começou a ser quebrado com o preenchimento do questionário por parte dos professores da EMIMACO, com o plano de ação desenvolvido junto aos alunos e será inteiramente superado com a formação dos professores relativa à temática das relações raciais e a construção coletiva do plano de ação a ser incorporado no PPP.

1.4 Objetivos

1.4.1 Objetivos Gerais

- Contribuir para a elaboração de um plano de ação coletivo que incorpore a temática racial, com posterior inclusão da mesma no Projeto Político Pedagógico, PPP, da escola.
- Romper o silenciamento em torno das questões raciais na EMIMACO
- Iniciar A implementação da Lei 10639/2003 na EMIMACO

1.4.2 Objetivos Específicos

- Coletar dados acerca da concepção dos professores do 3º ciclo em torno das questões raciais.
- Levar os(as) professores(as) da escola a uma reflexão crítica sobre as relações étnico-raciais.

Em relação aos alunos:

- Ampliar as informações sobre a origem africana de parte da população brasileira.
- Valorizar a herança cultural recebida dos africanos.
- Reconhecer em nossa cultura atual traços positivos de africanidade.
- Despertar o orgulho quanto ao pertencimento racial.
- Conhecer e valorizar a história do Continente africano.
- Reconhecer a enorme contribuição dos negros, trazidos como escravos, na construção das riquezas econômicas do Brasil.
- Rejeitar qualquer prática discriminatória ou preconceituosa contra o negro.

1.5 Metodologia e desenvolvimento da ação pedagógica

O Plano de Ação Pedagógica foi desenvolvido junto aos professores e alunos das quatro turmas do 3º Ciclo da EMIMACO.

Em relação aos professores, foi aplicado um questionário (em anexo), com o objetivo de romper o silenciamento até então existente e provocar no grupo uma reflexão crítica sobre a temática racial. Rompido o silêncio, foi dado o primeiro passo para a construção de um projeto coletivo de trabalho que incorpore a História da África e a Cultura Afro-Brasileira como tema. Tal projeto poderá ter como ponto de partida o Plano de Ação Pedagógica já em desenvolvimento com os alunos das quatro turmas citadas anteriormente.

Em relação aos alunos, através das atividades desenvolvidas, pretendeu-se levar uma turma de 1º ano de 3º ciclo e três turmas do 2º ano do 3º ciclo a conhecer um pouco mais sobre a História da África e a Cultura Afro-Brasileira, a valorizar e orgulhar-se do seu pertencimento racial, a rejeitar qualquer forma de

preconceito e discriminação, mudando radicalmente a maneira de pensar e vivenciar os Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros. Aos professores do 3º ciclo que trabalham com essas turmas, na EMIMACO, as atividades desenvolvidas podem ajudar numa reflexão crítica sobre as questões raciais e provocar um deslocamento das posições cristalizadas até o momento da implantação do projeto.

1.5.1 Ações voltadas para os professores

O 3º Ciclo do Ensino Fundamental da escola é constituído de doze professores (as). No momento em que expliquei a proposta, durante uma Reunião Pedagógica, todos os presentes se mostraram receptivos e não opuseram objeção à proposta de preenchimento do questionário anexado a este trabalho.

Contudo, por variadas razões, somente sete deles (as) devolveram-no preenchido. Dois (as) professores(as) já estavam de Licença Médica quando foram entregues os questionários e por isso não receberam. Antes da devolução dos mesmos, mais dois também saíram de Licença Médica. Como as quatro licenças são longas, não houve como incluí-los no levantamento. O quinto professor do grupo de turmas sou eu, responsável pelo levantamento e pelo projeto desenvolvido, portanto, dispensado do preenchimento do mesmo.

Da análise das respostas dadas, foi possível perceber o seguinte:

Dados pessoais do grupo

Sexo Masculino	Sexo feminino	Idade entre 40 e 50 anos	Idade acima de 50 anos	Tempo de magistério 10 a 20 anos	Tempo de magistério mais de 20 anos
3	4	2	5	1	6

Conforme os dados acima, a maioria dos(as) professores(as) das quatro turmas está na faixa etária acima de 50 anos de idade e tem mais de 20 anos de magistério. Quando associamos essas informações ao silenciamento, somos levados às seguintes perguntas: idades e tempo de atuação assim elevados colaborariam para o enraizamento de posições mais inflexíveis? Apontariam para uma dificuldade maior de adaptação a mudanças? Levariam a um desgaste maior e impediriam uma resposta mais rápida à realidade complexa e desafiadora que a escola pública de hoje demanda?

As respostas para estas questões só poderão ser dadas a partir do momento em que o silenciamento sobre as relações étnico-raciais começar a ser rompido. Rompido não só em relação às questões raciais, mas também relativo a tantas

outras questões presentes no cotidiano de uma escola que é pública e que deve ter uma gestão democrática, deve ser ética, justa, etc.

Percepção da presença dos alunos negros(pretos e mulatos) em sala

3 professores(as)	3 professores(as)	1 professor(a)
menor que 50%	igual a 50%	acima de 50%

Segundo os dados acima, a maioria do grupo de professores(as) das turmas não percebe a presença maciça de alunos(as) pretos(as) e pardos(as) em sala. Isso pode representar um problema na medida em que colabora para invisibilizar os (as) alunos(as) desse segmento e não permite a problematização em torno das imagens negativas ou dos estereótipos que, cristalizados no imaginário social, podem influenciar negativamente no desempenho escolar.

Alunos negros com baixo rendimento

5 professores(as)	1 professor(a)	1 professor(a)
menor que 50%	acima de 50%	não indicou

O quadro mostra que a maioria dos (as) professores (as) entende que o percentual de alunos(as) negros(as) com baixo rendimento escolar está abaixo de 50%. Estariam perfeitos esses dados se a realidade não apontasse para o oposto disso, pois apesar de a escola não ter dados estatísticos para demonstrar o pertencimento racial dos alunos com baixo rendimento escolar, basta um olhar mais atento para perceber nos Conselhos de Classes da escola, nas turmas de Reforço Escolar, entre os reprovados e na evasão escolar quais são os(as) alunos(as) que fracassam em maior quantidade.

Conhece a lei 10.639/2003 ?

SIM	NÃO	PARCIAL
14%	57%	28%

* 2 professores(as) acham que a lei discrimina as outras raças porque só propõe trabalhar sobre os negros.

** 1 professor(a) acha que a lei propõe um mundo melhor, logo é positiva.

A maioria alega não conhecer a Lei 10.639/2003 e uma parte conhece parcialmente. Isso, embora não seja exclusividade dessa escola, talvez ajude a explicar um pouco o silenciamento do grupo acerca das questões ligadas às relações étnico-raciais.

Trabalhos desenvolvidos sobre História da África e Cultura Afro-brasileira

SIM	NÃO
-	100%

Os sete professores pesquisados alegaram que não desenvolveram com os alunos nenhum trabalho relativo à História da África e Cultura Afro-Brasileira. As justificativas são as seguintes:

- 1 Porque os livros didáticos não tratam do assunto – 1 professor(a).
- 2 Não vê necessidade de tratar do assunto de forma especial – 1 professor(a).
- 3 Falta de oportunidade ou distração – 3 professores(as).
- 4 Não tenho conhecimento aprofundado sobre o assunto – 1 professor(a).
- 5 Já trabalhou a leitura de textos e livros somente na Semana da Cultura Negra – 1 professor(a).

Quanto às demais perguntas do questionário aplicado aos docentes, todas abertas, não há maiores novidades nas respostas. Acho oportuno ressaltar, no entanto, que nelas fica claro que o grupo percebe manifestações de discriminação racial no ambiente escolar e que, nenhum (a) daqueles (as) que se manifestaram, declarou ser contrário a projetos ou atividades que trabalhem as relações étnico-raciais na escola. Por isso mesmo, ganha força a ideia da construção de um projeto coletivo de trabalho que incorpore as relações étnico-raciais e faça parte do PPP da escola.

A análise das respostas dos questionários, respondidos pelos (as) professores(as) do 3º ciclo da EMIMACO, confirma a hipótese levantada a respeito do silenciamento da escola sobre as questões raciais e reforça a necessidade de uma formação específica nessa área. Essa formação não pode acontecer durante o desenvolvimento do projeto porque não houve tempo, mas ficou apontada para o ano de 2011.

1.5.2 Ações voltadas para os alunos

Em relação aos alunos, foi desenvolvido um plano de ação sobre a temática racial, intitulado “Para Além do 13 de Maio” somente em quatro turmas do 3º Ciclo da escola, com a finalidade de levá-los a conhecer a História da África e a Cultura Afro-Brasileira, a valorizar e a orgulhar-se de seu pertencimento racial, a rejeitar qualquer forma de preconceito, mudando a maneira de perceber e vivenciar os Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros, conforme folha em anexo, enfim, desenvolver neles uma visão mais crítica sobre a temática. O ideal teria sido o envolvimento de toda a escola, mas foi impossível o desenvolvimento de um projeto de tamanha proporção no espaço de tempo que havia.

Este trabalho, realizado em três fases distintas, teve o seguinte desenvolvimento:

Fase 1: Para Além do 13 de Maio

O início do projeto na escola deu-se em 13 de Maio, devido ao fato de ser a data oficial da Abolição da Escravidão no Brasil, portanto, data propícia para iniciar a reflexão, conforme defendiam alguns ativistas negros em 1930, segundo Maria Aparecida de Oliveira Lopes em seu texto “Narrativas e significados do 13 de maio e o 20 de novembro para a História do Brasil”. Esta fase foi desenvolvida nos meses de maio a junho.

Os recursos didáticos utilizados nesta fase foram: material escrito sobre a escravidão no Brasil, a Campanha Abolicionista, a Lei Áurea, textos, poemas, biografias de negros e negras de destaque no cenário nacional. Tais materiais proporcionaram uma série de reflexões sobre temas importantes como: o racismo, a discriminação, o resgate da identidade e da história do negro no Brasil.

O trabalho com os alunos começou com uma explicação sobre o projeto, o porquê da realização do mesmo, esclarecimentos sobre a Lei 10.639/2003. Foi dado aos alunos espaço para que pudessem se manifestar. Todos aprovaram a ideia do projeto e vários se lembraram de ter feito alguma atividade sobre essa temática durante a sua trajetória escolar e comentaram sobre elas.

Iniciamos com a apresentação e leitura do texto da Lei Áurea e um poema de Adão Ventura “Negro forro” que faz uma crítica a ela. Discutimos alguns pontos da lei e do poema e em seguida passamos para a realização das atividades, retiradas do Almanaque Pedagógico Afrobrasileiro, de Rosa Margarida de Carvalho Rocha. Todo o material utilizado na fase 1 faz parte do anexo 1 deste trabalho.

Fase 2: Valorização da História e Cultura Africana e Afro-Brasileira

A continuidade do projeto, iniciado em 13 de maio, teve por objetivo, nesta 2ª parte, valorizar a História da África e a Cultura Afro-Brasileira, trabalhando os Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros como: Circularidade, Oralidade, Energia Vital, Ludicidade, Memória, Ancestralidade, Cooperativismo/Comunitarismo, Musicalidade, Corporeidade e Religiosidade.

Através da leitura de textos que tratam desses valores e dos livros que tratam da História da África, dos mitos e lendas, da poesia, enfim, de tudo sobre o universo cultural africano e afro-brasileiro, disponíveis na biblioteca da escola, cada aluno respondeu ao roteiro de trabalho proposto e que explorou essa temática.

Essa etapa, desenvolvida nos meses de agosto a outubro, visou ao longo desses três meses mergulhar a escola no universo histórico e cultural africano e afro-brasileiro através da leitura de livros que tratem da História do Continente, dos

mitos, das lendas, contos, romances, poesia africanos, de músicas, de filmes, de debates, etc.

Foi a fase mais emocionante e divertida do projeto. Os alunos se envolveram muito, leram os livros, fizeram o roteiro de perguntas e entregaram, participaram dos momentos de discussão, se emocionaram e vibraram com o filme “Sarafina”, passaram a discutir entre eles mesmos as atividades e os valores e, claro, fizeram brincadeiras e gozações uns com os outros.

Nessa fase o que mais prejudicou os trabalhos foi o “engessamento” da grade de horários, pois várias atividades que precisavam de continuidade ficaram fragmentadas porque só podiam ser realizadas nos horários de Português. Também tivemos vários problemas para utilizar os equipamentos como DVD, vídeo cassete e som. Todo o material utilizado nessa fase faz parte dos anexos da fase 2.

Fase 3: Celebração do Orgulho Racial

Essa parte marcou o encerramento do projeto na escola. Desenvolvida no mês de novembro, contou com leituras e debates até o dia 20 de novembro, dia em que foi finalizado o projeto. Houve uma mostra dos trabalhos realizados pelos alunos no período, encenação preparada por eles.

A escolha do dia 20 de novembro para o encerramento ficou como uma homenagem ao dia da morte de Zumbi dos Palmares, coincidindo com a comemoração do Dia da Consciência Negra.

Essa fase começou a ser planejada com os alunos ao lermos e discutirmos o material relacionado nos anexos da fase 3.

Como nesse dia a escola realizou também a Festa da Família, fomos convidados para apresentar algum número. Levei o desafio para os alunos e me comprometi com eles que, se houvessem interessados em participar, eu apresentaria o projeto para a escola toda e as famílias presentes. Vários concordaram e assim fizemos. Abrimos a festa com a apresentação do projeto, alguns alunos leram ou declamaram poemas selecionados entre o conjunto de obras trabalhadas. Os poemas escolhidos foram: *Voz do Sangue* e *Fogo e Ritmo*, de Agostinho Neto; *Para um Negro* e *Faça sol ou faça tempestade*- de Adão Ventura. Um grupo de alunos apresentou um pequeno número sobre discriminação racial na escola, encenação concebida e executada por eles. Os pais e demais presentes gostaram, aplaudiram muito.

O que não funcionou nessa fase foi devido à dificuldade dos alunos para ensaiar os números, o fato de ter sido um sábado pela manhã e alguns alunos que participariam não puderam se apresentar porque não conseguiram chegar. Houve também problemas com o equipamento de som no início e a grande celebração que foi idealizada antes, com oficinas, números musicais, danças, exposição de trabalhos acabou tendo que ser reduzida por falta de tempo e do não envolvimento da escola como um todo. Porém, ficou o caminho aberto para os anos vindouros.

1.6 Avaliação

Avaliando o trabalho realizado, concluo que o propósito inicial foi alcançado e iniciou-se o rompimento do silenciamento da escola sobre as relações étnico-raciais. Contudo, é preciso tecer algumas considerações a respeito dos registros produzidos.

Primeiramente, não havia a intenção de traçar um perfil histórico negativo da instituição escolar observada. Respeito a história e a tradição construídas antes de mim e considero-me parte integrante do construído a partir da minha chegada. Reconheço que qualquer outro (a), observando a mesma realidade e trabalhando os mesmos dados, poderia construir um perfil histórico muito diferente do aqui escrito.

Sobre a temática explorada: O silenciamento sobre as relações étnico-raciais, é fácil constatar que não é uma exclusividade da EMIMACO, mas sim uma prática generalizada na Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte e também das outras redes, com raríssimas e gratas exceções. Caso isso fosse diferente, a Lei 10.639/2003 já estaria vigorosamente implementada e produzindo bons resultados por aí. Por isso mesmo, caberá aos gestores da educação de diferentes níveis e a todos congregarem esforços para que o problema seja enfrentado. Dentro desse espírito, este trabalho poderá ser uma modesta contribuição ao debate.

É evidente a marca pessoal no trabalho, fato que contraria a natureza dos trabalhos acadêmicos. Outro problema é a ancoragem teórica. Esses problemas estão relacionados com as características do trabalho final, exigido para a conclusão do Curso História da África e Cultura Afro-Brasileira, ou seja, a concepção e a implantação de um Plano de Ação Pedagógica, com essa temática, na escola de atuação. Diversos caminhos poderiam ser escolhidos, mas entendo que o adotado por mim não permitiu separar o plano da trajetória pessoal do seu criador. Além do mais a realidade retratada tinha e tem características bastante específicas.

Finalmente, ficou claro que o ideal teria sido o envolvimento de toda a escola no Plano de Ação Pedagógica, pois a construção de um projeto coletivo de trabalho cuja temática sejam as relações étnico-raciais requer a participação de todos. Faltou também retratar os problemas de gestão e administrativos da escola que, muitas vezes, inviabilizam a efetivação dos princípios dispostos na Lei 10.639/2003, a criação de projetos coletivos de trabalho como o sugerido e muitos outros avanços pedagógicos.

Quanto ao projeto desenvolvido, seria muito mais rico e o rompimento do silêncio mais abrangente se todos os professores da escola pudessem ter respondido ao questionário e manifestado suas posições. O mesmo vale em relação aos alunos. O projeto desenvolvido com todos eles e os outros setores da escola teria provocado um movimento muito mais amplo, provocando reflexões e deslocando posições cristalizadas.

De todo modo, fica o realizado e a esperança da transformação do Plano de Ação Pedagógica em um projeto coletivo da escola, com inclusão no PPP, superando de vez o silenciamento incômodo.

1.7 Referências

CHARDIN, Pierre Teilhard de. O meio divino: Vozes.

GONÇALVES, Vanda Lúcia. O Racismo e o Desempenho Escolar de Crianças Negras. www.anped.org.br

LOPES, Maria Aparecida Oliveira. Narrativas e significados do 13 de maio e o 20 de novembro para a História do Brasil.

ROCHA, Rosa Margarida de Carvalho. Almanaque Pedagógico Afrobrasileiro: Uma proposta de intervenção pedagógica na superação do racismo no cotidiano escolar: NZINGA.

VALORES Civilizatórios Afro-Brasileiros: Projeto a Cor da Cultura. In: www.acordacultura.org.br.

ANEXOS

Anexo 1.

Prezado (a) Professor (a):

O questionário abaixo visa a coleta de dados para meu trabalho de conclusão do Curso de Especialização em História da África e Cultura Afro-Brasileira. Os dados coletados serão utilizados apenas para fundamentação do referido trabalho, orientado pela Professora Dra. Miriam Jorge.

Solicito que responda as perguntas abaixo com atenção.

Não é preciso se identificar.

Agradeço pela sua disponibilidade e atenção!

1. Dados pessoais:

A) Sexo:

Feminino masculino

B) Idade:

entre 23 e 30 anos

entre 30 e 40 anos

entre 40 e 50 anos

acima de 50 anos

C) Ciclo de atuação:

1º ciclo

2º ciclo

3º ciclo

Educação de Jovens e Adultos (EJA)

D) Tempo de exercício do magistério:

menos de 10 anos

entre 10 e 20 anos

mais de 20 anos

1) Nas turmas com as quais você trabalha, o percentual de alunos negros é:

menor que 50%

igual a 50%

acima de 50%

2) Dentre os alunos que apresentam baixo rendimento, qual o percentual de alunos negros?

() menor que 50%

() igual a 50%

() acima de 50%

3) Você sabe o que é a Lei 10.639/2003?

() Sim

() Não

() Parcialmente

4) No caso de ter respondido afirmativamente à pergunta acima, qual a sua opinião em relação a essa Lei?

5) Você já desenvolveu, com os alunos, algum trabalho ou discussão mais sistematizada sobre História da África e Cultura afro-brasileira?

() Sim

() Não

Por quê?

6) Em sua opinião, de que maneira os assuntos relativos à História da África e cultura Afro-brasileira deveriam ser inseridos no cotidiano dos alunos?

7) Que práticas você considera discriminação racial?

8) Na escola onde trabalha, você percebe algum tipo de discriminação racial por parte de:

- () alunos em relação aos alunos
- () alunos em relação aos professores/funcionários
- () professores/funcionários em relação aos professores/funcionários
- () professores em relação aos alunos
- () pais em relação aos professores/funcionários
- () professores/funcionários em relação aos pais

Anexos da fase 1) Para Além do 13 de Maio

EMIMACO

DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA

3º CICLO - PROFESSOR: BERNARDO

NOME: _____

____Nº____TURMA_____

PARA ALÉM DO 13 DE MAIO

O dia 13 de maio vem aí. Você sabe o que esta data significa? Não! Então vamos saber.

Para alguns, ela é motivo de festa porque lembra o aniversário da Lei Áurea, lei que “libertou” os escravos no Brasil.

Para nós: negros, índios, brancos e todos que querem um país melhor e mais justo, será uma oportunidade para iniciarmos uma série de reflexões sobre temas importantes como: o racismo, a discriminação, o resgate da identidade, da cultura e da história do negro no Brasil.

CONHEÇA A VERSÃO ATUALIZADA DO TEXTO DA LEI

A [lei](#) n.º 3.353, de 13 de maio de 1888, [na ortografia atual](#):

Publicação oficial da Lei Áurea.

“ *Declara extinta a escravidão no Brasil:*

A Princesa Imperial Regente, em nome de Sua Majestade o Imperador, o Senhor D. Pedro II, faz saber a todos os súditos do Império que a Assembleia Geral decretou e ela sancionou a lei seguinte:

Art. 1.º: É declarada extinta desde a data desta lei a escravidão no Brasil.

Art. 2.º: Revogam-se as disposições em contrário.

Manda, portanto, a todas as autoridades, a quem o conhecimento e execução da referida Lei pertencer, que a cumpram, e façam cumprir e guardar tão inteiramente como nela se contém.

O secretário de Estado dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas e interino dos Negócios Estrangeiros, Bacharel Rodrigo Augusto da Silva, do Conselho de Sua Majestade o Imperador, o faça imprimir, publicar e correr.

Dada no Palácio do Rio de Janeiro, em 13 de maio de 1888, 67.º da Independência e do Império.

Princesa Imperial Regente.

Agora, leia um poema recente que coloca de maneira crítica a situação do negro que conseguiu a sua liberdade, mas não conquistou direitos.

Negro forro

minha carta de alforria
não me deu fazendas,
nem dinheiro no banco,
nem bigodes retorcidos.

minha carta de alforria
costurou meus passos
aos corredores da noite
de minha pele.

(Adão Ventura)

ALMANAQUE PEDAGÓGICO AFROBRASILEIRO



Uma proposta de intervenção pedagógica na
superação do racismo no cotidiano escolar

Rosa Margarida de Carvalho Rocha

NZINGA

B
a

Anexo 2

1995: 300 anos da morte do chefe guerreiro Zumbi dos Palmares, líder de um dos principais movimentos de resistência negra contra o regime de escravidão. A comemoração possibilitou reflexão e despertou o desejo de conhecer a trajetória de lutas do povo negro em nosso país. O resgate da figura desse líder negro animou e fortaleceu a população negra brasileira a prosseguir em sua luta para superar a situação de marginalidade e exclusão, procurando, assim, construir a sua cidadania. Hoje, brancos e negros, enfim, todos os que sonham com um Brasil fraterno, solidário, sem Injustiça e discriminação de qualquer espécie, deveriam estar nesta luta...



Este é Adão Ventura, advogado, poeta, escritor e conferencista mineiro.

Lecionou Literatura Brasileira Contemporânea nos Estados Unidos e hoje é considerado uma voz expressiva na poesia mineira.

Escreveu um dos mais importantes livros de poesia sobre o negro brasileiro, chamado *A cor da pele*, do qual tiramos este poema para que você possa apreciar:

PARA UM NEGRO

*Para um negro
a cor da pele é uma sombra
muitas vezes mais forte
que um soco.*

*Para um negro
a cor da pele
é uma faca*

*que atinge
muito mais cheio
o coração.*

Anexo 3

Como você percebeu, esse poema de Adão Ventura trata de temas que são comuns a todos nós. Ele trata de dificuldades que o negro brasileiro tem em relação à sua cor. Por que é difícil?

Você conhece alguém que vivencie esse tipo de situação?

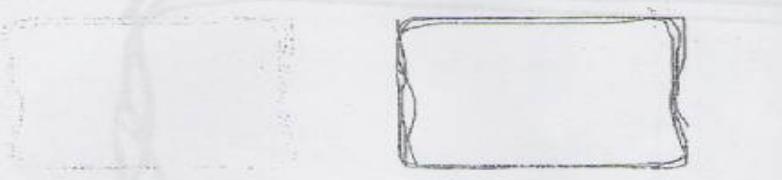
Você também se sente assim?

Mas que emoção e expressão é essa?

A partir do poema, vamos fazer um poema que fale sobre a emoção e a expressão.

Poesia é sensibilidade, é emoção!
Quando você leu o poema, quais sentimentos foram despertados em você?
Escreva-os abaixo:

Faça arte com as palavras.



Sensibilidade e emoção a gente pode passar por meio de várias formas de arte. O desenho é uma delas. Que tal experimentar?

Faça um desenho baseado no poema de Adão Ventura. Expresse a sua emoção nos traços do desenho, nas formas e nas cores...



Anexo 4

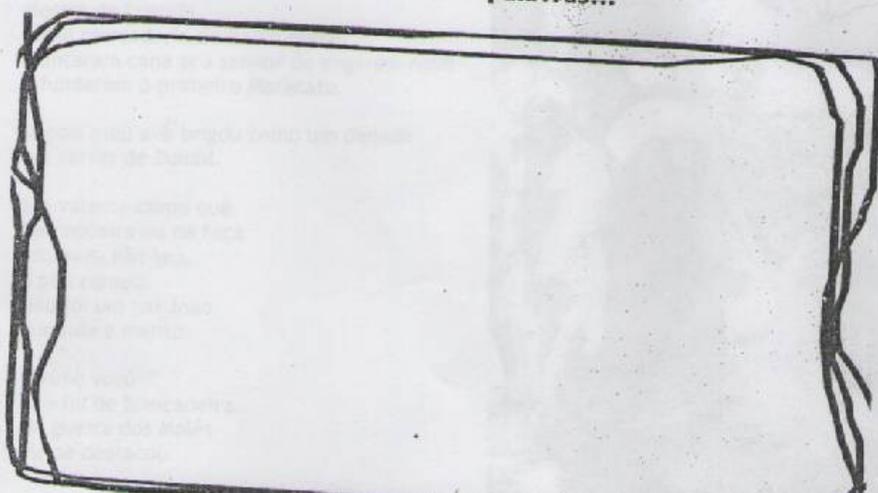
4

Como você percebeu, esse poema de Adão Ventura é muito forte. Ele espelha as dificuldades que o negro brasileiro tem em relação à sua cor. Por que há essa dificuldade?

Você conhece alguém que vivencie esse tipo de situação?
Você também se sente assim?

Use sua emoção e expresse-a novamente.
A partir do exemplo de Adão Ventura, construa um poema que retrate as dificuldades de ser negro no Brasil:

Faça arte com as palavras...



Negro

Sou negro,
meus avós foram queimados
pelo sol da África,
minha alma recebeu o batismo dos tambores,
atabaques, gonguês e agogôs.

Contaram-me que meus avós
vieram de Luanda
como mercadoria de baixo preço,
plantaram cana pro senhor do engenho novo
e fundaram o primeiro Maracatu.

Depois meu avô brigou como um danado
nas terras de Zumbi.

Era valente como quê.
Na capoeira ou na faca
escreveu não leu,
o pau comeu.
Não foi um pai João
humilde e manso.

Mesmo vovó
não foi de brincadeira.
Na guerra dos Malês
ela se destacou.

Na minh'alma ficou
o samba,
o batuque,
o bamboleio
e o desejo de libertação...



Anexo 6

Agora é com você!
Complete a ficha abaixo com informações sobre o poema lido.

Título: _____
Nome do autor: _____
- De que trata o poema? _____

Vamos entender melhor o poema?

Este poema mostra, em suas estrofes, um resumo da trajetória do povo negro. Vamos tentar descobrir como foi? Para tal, copie, em frente de cada situação, os versos que melhor contam cada parte dessa história:

Origem dos negros:

Como foram trazidos e o que faziam no Brasil:

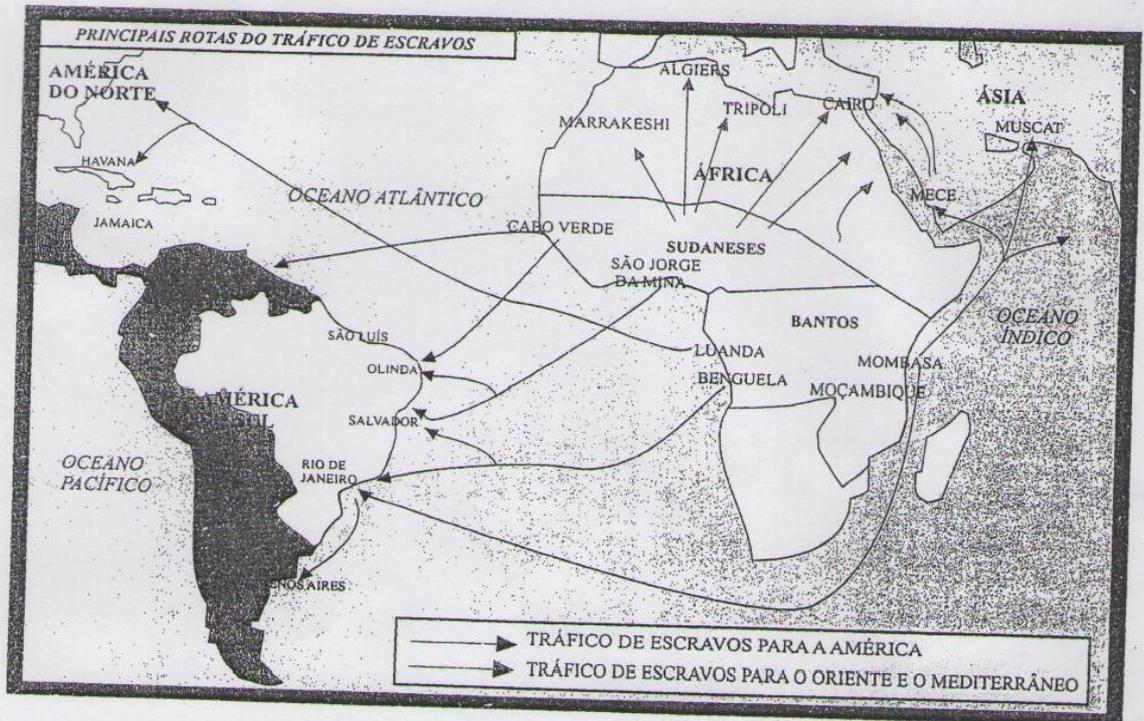
Herança dos antepassados negros para a geração atual:

1 - Os negros escravos deixaram também, como herança para todos nós, o espírito de luta e o desejo de libertação. Discuta com o seu grupo como o povo descendente de africanos, em especial, também chamado de afro-brasileiro, deve lutar para a sua verdadeira libertação?

2 - Em sua opinião, além da herança mencionada no poema, o que mais o povo africano

Anexo 7

3 - Veja, no mapa, de que regiões da África provinham os escravos trazidos para o Brasil...



a) Colorir o mapa de acordo com a legenda:

laranja

Sudaneses

Verde

Bantos

Após a leitura do mapa, responda:

b) O Estado onde você mora recebeu escravos? De onde vieram?

Os povos africanos contribuíram significativamente para todos os setores da vida brasileira. O português falado no Brasil conta com palavras de origem banto/nagô. Com a ajuda de seu (a) professor(a), pesquise palavras originadas de outras culturas e monte um pequeno glossário. Não se esqueça de ilustrar!

Anexos da fase 2) Valorização da História e Cultura Africana e Afro-Brasileira

PROJETO: PARA ALÉM DO 13 DE MAIO

Fase 2: Valorização da História da África e Cultura Afro-Brasileira

1) **INTRODUÇÃO:** A segunda parte do projeto pretende, através de: textos, livros e filmes, etc., trazer o universo histórico e cultural africano e afro-brasileiro até vocês, discutindo e refletindo sobre os Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros como: Circularidade, Oralidade, Energia Vital, Ludicidade, Memória, Ancestralidade, Cooperativismo/Comunitarismo, Musicalidade, Corporeidade e Religiosidade, presentes nas obras e que se manifestam no cotidiano da sociedade brasileira ou entre os povos que tiveram a presença africana na sua formação.

2) OBJETIVOS:

- a) Ampliar as informações sobre a origem africana de parte da população brasileira.
- b) Valorizar a herança cultural recebida dos africanos.
- c) Reconhecer em nossa cultura atual traços positivos de africanidade.
- d) Reforçar o orgulho quanto ao pertencimento racial.
- e) Conhecer e valorizar a história do Continente africano.
- f) Reconhecer a enorme contribuição dos negros, trazidos como escravos, na construção das riquezas econômicas do Brasil.
- g) Rejeitar qualquer prática discriminatória ou preconceituosa por motivos raciais.

3) DESENVOLVIMENTO

- a) Discussão e definição da forma de desenvolvimento do trabalho e suas etapas.
- b) Texto abordando as principais características dos valores civilizatórios.
- c) Leituras dos livros indicados.
- d) Atividades escritas e orais.
- e) Exibição de vídeo, seguida de atividades escritas e orais.

4) AVALIAÇÃO: esta constará das seguintes etapas:

- a) Avaliação individual dos trabalhos produzidos e da participação, feita pelo professor.
- b) Avaliação coletiva do processo vivenciado.
- c) Auto-avaliação para verificar avanços, dificuldades a superar.

SOBRE OS VALORES CIVILIZATÓRIOS AFRO-BRASILEIROS

■ Circularidade

A questão do círculo, da roda, da circularidade tem uma profunda marca nas manifestações culturais afro-brasileiras, como a roda de samba, a roda de capoeira, as legendárias conversas ao redor da fogueira... No candomblé, os iniciados rodam/dançam durante alguns rituais ou festas. Com o círculo, o começo e o fim se imbricam, as hierarquias, em algumas dimensões, podem circular ou mudar de lugar, a energia transita num círculo de poder e saber que não se fecha nem se cristaliza, mas gira, circula, transfere-se...

■ Oralidade

A fala, a palavra dita ou silenciada, ouvida ou pronunciada – ou mesmo segredada – tem uma carga de poder muito grande. Pela/Na oralidade, os saberes, poderes, quereres são transmitidos, compartilhados, legitimados. Se a fala é valorizada, a escuta também. O conto, a lenda, a história, a música, o dito, o não-dito, o fuxico... A palavra carrega uma grande e poderosa carga afetiva.

■ Energia vital (AXÉ)

É uma dimensão interessante, na medida em que revela a circularidade da vida, bem como a sua amplitude. Tudo tem energia vital, é sagrado e está em interação: planta, água, pedra, gente, bicho, ar, tempo. Todos os elementos se relacionam entre si e sofrem influência uns dos outros. Aqueles que conhecem o poder dessa energia vital já compreendiam, bem antes das pesquisas científicas de Lavoisier, que “na natureza tudo se transforma”.

■ Corporeidade

O corpo é vida, é aqui e agora, é potência, possibilidade. Com o corpo se afirma a vida, se vive a existência, individual e coletivamente. Ele traz uma história individual e coletiva, uma memória a ser preservada, inscrita e compartilhada. O corpo conta histórias.

■ Musicalidade

A música, a sonoridade, a melodia, o ritmo, a canção estão presentes, de modo particular, na cultura e na história afro-brasileira, de tal modo que muitos dos referenciais da musicalidade brasileira são de origem afro.

■ Ludicidade

Imaginemos um povo arrancado brutalmente de sua terra, que atravessou o Atlântico em tumbeiros, escravizado, humilhado, mas que não perdeu a capacidade de sorrir, de brincar, de jogar, de dançar e, assim, conseguiu marcar a cultura de um país com esse profundo desejo de viver e ser feliz. Pois isso resume a ludicidade, na perspectiva a favor da vida, da humanidade, da sobrevivência. A alegria frente ao real, ao concreto, ao aqui e agora da vida.

■ Cooperatividade/Comunitarismo

Não existe cultura negra, cultura afro-brasileira individualmente, na solidão, mas no coletivo, na cooperação, no e com o outro. Não existe, na nossa opinião,

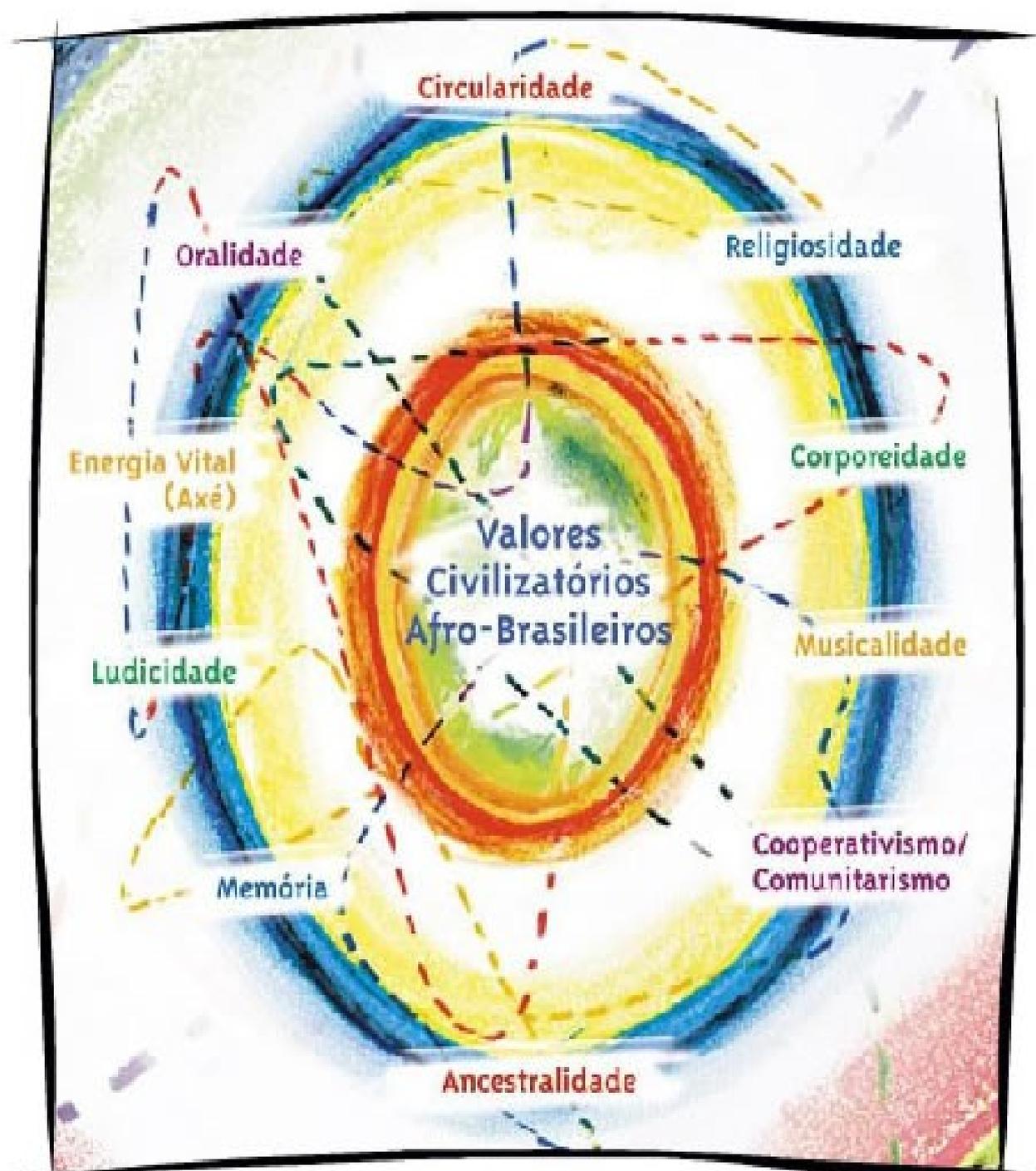
manifestação cultural negra individual, mas sim calcada, fincada no coletivo. Por exemplo: em tese, não se come feijoada sozinho, não se faz uma roda de samba sozinho.

■ Memória

O povo negro carrega uma memória da nossa História que está submersa, escondida pelo racismo, que precisa ser descortinada, desenterrada.

■ Ancestralidade

O passado, a História, a sabedoria, os olhos dos/das mais velhos/as tomam uma enorme dimensão de saber-poder, de quem traz o legado, de quem foi e é testemunha da História e também sobrevivente. A dimensão ancestral carrega o mistério da vida, da transcendência.



Livros de Literatura Africana Lidos

- 1) Poema da Recordação e Outros Movimentos
- 2) As Heranças Africanas no Brasil
- 3) Pretinha, eu?
- 4) Comandante Hussi
- 5) Era uma vez na África
- 6) Os Gêmeos do Tambor
- 7) Um rio chamado Atlântico
- 8) A História dos Escravos
- 9) Bruno Zumbi
- 10) Para quando a África?
- 11) A Matriz Africana no Mundo
- 12) Um Passeio pela África
- 13) Histórias do Tio Jimbo
- 14) Mil Histórias Assombradas do Tempo dos Escravos
- 15) Cultura em Movimento - Matrizes Africanas e Ativismo Negro no Brasil
- 16) Os Negros no Brasil - Cativo na Vida, mas Livre na Vontade
- 17) A Criação do Mundo
- 18) O Chamado de Sosu
- 19) No País de Saci
- 20) Lendas da África
- 21) Os Vizinhos de Congo
- 22) O Telefone de Latas
- 23) A Serpente de Sete Línguas
- 24) Histórias da Preta
- 25) Como as cobras foram domesticadas
- 26) A História dos Escravos
- 27) O Corpo na Capoeira
- 28) A Lenda da Pemba
- 29) Kofi e o Menino de Fogo
- 30) Coração das Trebas
- 31) Menino-Serpente
- 32) Lendas Negras
- 33) Quatro Presentes para Zaila
- 34) Meus Cantos Africanos – Seleção de Nelson Mandela
- 35) O Casamento da Princesa
- 36) Felicidade não tem cor
- 37) O Despertar da Liberdade
- 38) Tem Gente com Fome
- 39) A Cor da Ternura
- 40) O Espelho Dourado

- 41) Jogo Duro
- 42) Costura de Nuvens
- 43) Histórias à Brasileira
- 44) Içá, o advinho
- 45) Você Lembra, pai?
- 46) Zumbi - O Despertar da Liberdade
- 47) Lendas Africanas
- 48) Meu Tataravô era Africano
- 49) O Mansa Musa, o Imperador vai a Meca
- 50) O Racismo – Explicado aos Meus Netos
- 51) Um Safari na Tanzânia
- 52) Betina
- 53) Rap Rua
- 54) Palmas e Vaias
- 55) Pigmeus – Os Defensores da Floresta
- 56) Feliz Aniversário Jamela
- 57) Lendas de Exu
- 58) A Menina e o Tambor
- 59) O Menino Parafuso
- 60) Euzábia Zanza
- 61) Os Tesouros de Monifa
- 62) Mitologia Africana
- 63) Guerreiras da Natureza
- 64) De Grão em Grão
- 65) Jundiata, uma Lenda Africana
- 66) Bia na África
- 67) Tanto, tanto!
- 68) O Segredo das Tranças e Outras Histórias
- 69) A Preferida do Rei
- 70) Origens Africanas do Brasil Contemporâneo
- 71) A História dos Escravos
- 72) Mãe África
- 73) As pecadas do Kurupira
- 74) O Gato e o Escuro
- 75) Aguemon
- 76) Contando a arte de Marcos de Oliveira
- 77) O Elefatinho da Tromba Caída
- 78) Lendas Negras
- 79) Azur e Asmar
- 80) Dito, o Negrinho da Flauta
- 81) Histórias que Eu Vivi – o Gosto de Contar
- 82) O Presente de Ossanha

PROJETO: PARA ALÉM DO 13 DE MAIO

ROTEIRO PARA O TRABALHO ESCRITO SOBRE O LIVRO LIDO

Agora que você conhece um pouco mais sobre alguns Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros, leia atentamente as questões propostas no roteiro abaixo e responda-as com clareza, atenção e capricho.

Nome _____ nº _____ turma _____

Título do

livro: _____

Nome completo do

autor(a): _____

Editora: _____

1) Identifique, no livro lido, alguns desses valores.

R: _____

2) Transcreva uma passagem do livro lido que confirme o(s) valor(es) identificado(s) na questão acima.

R: _____

3) Localize em sua família, na rua onde você mora, no seu bairro, ou em outros ambientes, manifestações que lembrem esses valores civilizatórios e explique-as.

R: _____

PROJETO PARA ALÉM DO 13 DE MAIO

ROTEIRO DE TRABALHO SOBRE O FILME “SARAFINA”

Leia o texto:

Apartheid

Definição Apartheid (significa “vidas separadas” em africano) era um regime segregacionista que negava aos negros da África do Sul os direitos sociais, econômicos e políticos.

Embora a segregação existisse na África do Sul desde o século 17, quando a região foi colonizada por ingleses e holandeses, o termo passou a ser usado legalmente em 1948.

No regime do apartheid o governo era controlado pelos brancos de origem européia (holandeses e ingleses), que criavam leis e governavam apenas para os interesses dos brancos. Aos negros eram impostas várias leis, regras e sistemas de controles sociais.

Entre as principais leis do apartheid, podemos citar:

- Proibição de casamentos entre brancos e negros - 1949.
- Obrigação de declaração de registro de cor para todos sul-africanos (branco, negro ou mestiço)-1950.
- Proibição de circulação de negros em determinadas áreas das cidades - 1950
- Determinação e criação dos bantustões (bairros só para negros) - 1951
- Proibição aos negros no uso de determinadas instalações públicas (bebedouros, banheiros públicos)

1953

- Criação de um sistema diferenciado de educação para as crianças dos bantustões - 1953

Este sistema vigorou até o ano de 1990, quando o presidente sul-africano tomou várias medidas e colocou fim ao apartheid. Entre estas medidas estava a libertação de Nelson Mandela, preso desde 1964 por lutar contra o regime de

segregação. Em 1994, Mandela assumiu a presidência da África do Sul, tornando-se o primeiro presidente negro do país.

A educação, separada através da Lei de Educação Bantu de 1953, é um bom exemplo para demonstrar como funcionava o apartheid na prática. Os brancos criaram um sistema educacional só para os estudantes negros. Projetado para preparar os jovens negros para passarem o resto da vida como trabalhadores braçais, o sistema exigia que as escolas ensinassem somente o programa autorizado, os professores(as), todos negros(as), que não obedecessem eram presos, torturados e condenados. Em 1959, foram criadas universidades específicas para negros e mestiços. As universidades já existentes foram proibidas de matricular novos alunos negros.

Essa política foi profundamente impopular. Em 30 de abril de 1976, crianças da escola primária Orlando West no [Soweto](#) entraram em greve, recusando-se a ir às aulas. A rebelião espalhou-se por outras escolas em Soweto. Os estudantes organizaram um protesto em massa para [16 de Junho](#) de [1976](#), que acabou em violência - a polícia respondendo com balas às pedras jogadas pelas crianças. O incidente disparou uma onda de violência generalizada por toda a África do Sul, custando centenas de vidas e milhares e milhares de prisões.

Texto adaptado - Fontes: www.suapesquisa.com, pt.wikipedia.org

QUESTÕES SOBRE O FILME “SARAFINA”

1) O filme começa com uma ação dos que lutavam contra o regime do Apartheid. Essa ação da resistência contra o regime deu início a uma investigação com desdobramentos terríveis para todos os envolvidos.

a) Que ação foi essa?

b) Quem foram os praticantes dela no filme?

2) No filme há um personagem que, embora não participe diretamente da história, funciona como um conselheiro/inspirador para todos os que lutam. Quem é essa personagem? Por que ela não pode estar presente na luta?

3) Como eram as ruas e as casas dos negros no bairro Soweto? E as ruas e as casas dos brancos em outra parte da cidade?

4) Havia controle por parte dos brancos da educação que era oferecida às crianças negras? Como era feito esse controle?

5) “A História é uma coisa linda”. Esta era uma das frases utilizadas pela professora Mary Massembuko ao ensinar seus alunos.

a) O que ela fazia estava de acordo com a proposta que o Sistema Educacional tinha para os negros? Explique.

b) Qual foi o seu destino na história do filme? Ela foi importante na vida de seus alunos? Por quê?

6) Conforme tudo o que já vimos sobre a Cultura Africana e seus Valores Civilizatórios, qual foi o valor que mais esteve presente no filme? Cite algumas situações em que ele aparece.

7) O filme visto contribuiu para a sua aprendizagem? Explique a sua resposta.

Anexos da Fase 3) Celebração do Orgulho Racial

PROJETO PARA ALÉM DO 13 DE MAIO

ALGUNS INTERESSES QUE MOTIVARAM A ESCRAVIDÃO DO NEGRO AFRICANO

A história do povo negro é a história de um povo que, sob a marca da escravidão(maior crueldade da História da humanidade), atravessa o Oceano Atlântico e produz milagres de fé, de vida, de civilização nas terras para onde foi levado.

No caso do Brasil, quando estudamos a história da chegada do negro africano por aqui, precisamos nos lembrar, ainda que a história dos livros oficiais negue, que o negro não foi trazido para cá para um trabalho compulsório só porque era dotado de força física. Além da força física, ele contava com inteligência necessária para movimentar o desenvolvimento do país que o português desejava explorar. Logo, podemos concluir que o negro africano não foi escravizado por acaso, ele foi trazido para o Brasil porque dominava técnicas agrícolas, técnicas da produção de tecidos, técnicas de exploração e fundição do minério que até então não eram dominadas pelo português.

Apesar das condições desfavoráveis que os negros tiveram que enfrentar, construíram com o seu trabalho e conhecimento riquezas materiais incalculáveis e contribuíram infinitamente para a formação cultural, linguística e de valores civilizatórios da sociedade brasileira.

Além dos Valores Culturais e Civilizatórios, já vistos em outros momentos do nosso trabalho, veja mais alguns exemplos dessa contribuição:

***Na liguagem**

A

abará: bolinho de feijão.

acará: peixe de esqueleto ósseo.

acarajé: bolinho de feijão frito (feijão fradinho).

agogô: instrumento musical constituído por uma dupla campânula de ferro, produzindo dois sons.

angu: massa de farinha de trigo ou de mandioca ou arroz.

B

bangüê: padiola de cipós trançados na qual se leva o bagaço da cana.

bangulê: dança de negros ao som da puíta, palma e sapateados.

banzar: meditar, matutar.

banzo: nostalgia mortal dos negros da África.

banto: nome do grupo de idiomas africanos em que a flexão se faz por prefixos.
batuque: dança com sapateados e palmas.
banguela: desdentado.
berimbau: instrumento de percussão com o qual se acompanha a capoeira.
búzio: concha.

C

cachaça: aguardente.
cachimbo: aparelho para fumar.
cacimba: cova que recolhe água de terrenos pantanosos.
Caculé: cidade da Bahia.
cafife: diz-se de pessoa que dá azar.
cafuca: centro; esconderijo.
cafua: cova.
cafuche: irmão do Zumbi.
cafuchi: serra.
cafundó: lugar afastado, de acesso difícil.
cafuné: carinho.
cafungá: pastor de gado.
calombo: quisto, doença.
calumbá: planta.
calundu: mau humor.
camundongo: rato.
Candomblé: religião dos negros iorubás.
candongia: intriga, mexerico.
canjerê: feitiço, mandinga.
canjica: papa de milho verde ralado.
carimbo: instrumento de borracha.
catimbau: prática de feitiçaria .
catunda: sertão.
Cassangue: grupo de negros da África.
caxambu: grande tambor usado na dança harmônica.
caxumba: doença da glândula falias.
chuchu: fruto comestível.
cubata: choça de pretos; senzala.
cumba: forte, valente.
Cumbe: povoação em Angola.

D

dendê: fruto do dendezeiro.
denço: manha, birra.
diamba: maconha

E

efó: espécie de guisado de camarões e ervas, temperado com azeite de dendê e pimenta.

Exu: deus africano de potências contrárias ao homem.

F

fubá: farinha de milho.

G

gandu: o mesmo que andu (fruto do anduzeiro), ou arbusto de flores amarelas, tipo de feijão comestível.

I

inhame: planta medicinal e alimentícia com raiz parecida com o cará

lemanjá: deusa africana, a mãe d' água dos iorubanos.

iorubano: habitante ou natural de Iorubá (África).

J

jeribata: álcool; aguardente.

jeguedê: dança negra.

jiló: fruto verde de gosto amargo.

jongo: o mesmo que samba.

L

libambo: bêbado (pessoas que se alteram por causa da bebida).

lundu: primitivamente dança africana.

M

maassagana: confluência, junção de rios em Angola.

macumba: religião afro-brasileira.

máculo: nódoa, mancha.

malungo: título que os escravos africanos davam aos que tinham vindo no mesmo navio; irmão de criação.

maracatu: cortejo carnavalesco que segue uma mulher que num bastão leva uma bonequinha enfeitada, a calunga.

marimba: peixe do mar.

marimbondo: o mesmo que vespa.

maxixe: fruto verde.

miçanga: conchas de vidro, variadas e miúdas.

milonga: certa música ao som de violão.

mandinga: feitiçaria, bruxaria.

molambo: pedaço de pano molhado.

mocambo: habitação muito pobre.
moleque: negrinho, menino de pouca idade.
muamba: contrabando.
mucama: escrava negra especial.
mulunga: árvore.
munguzá: iguaria feita de grãos de milho cozido, em caldo açucarado, às vezes com leite de coco ou de gado. O mesmo que canjica.
murundu1: montanha ou monte; montículo; o mesmo que montão.
mutamba: árvore.
muxiba: carne magra.
muxinga: açoite; bordoadada.
muxongo: beijo; carícia.

O

Ogum ou Ogundelê: Deus das lutas e das guerras.
Orixá: divindade secundário do culto jejenago, medianeira que transmite súplicas dos devotos suprema divindade desse culto, ídolo africano.

P

puita: corpo pesado usado nas embarcações de pesca em vez fateixa.

Q

quenga: vasilha feita da metade do coco.
quiabo: fruto de forma piramidal, verde e peludo.
quibebe: papa de abóbora ou de banana.
quilombo: valhacouto de escravos fugidos.
quibungo: invocado nas cantigas de ninar, o mesmo que cuca, festa dançante dos negros.
queimana: iguaria nordestina feita de gergelim .
quimbebé: bebida de milho fermentado.
quimbembe: casa rústica, rancho de palha.
quimgombô: quiabo.
quitute: comida fina, iguaria delicada.
quizília: antipatia ou aborrecimento.

S

samba: dança cantada de origem africana de compasso binário (da língua de Luanda, semba = umbigada).
senzala: alojamento dos escravos.
soba: chefe de trigo africana.

T

tanga: pano que cobre desde o ventre até as coxas.

tutu: iguaria de carne de porco salgada, toicinho, feijão e farinha de mandioca.

U

urucungo: instrumento musical.

V

vatapá: comida.

X

xendengue: magro, franzino.

Z

zambi ou zambeta: cambaio, torto das pernas.

zumbi: fantasmas.

* Na poesia(exemplos de poesia africana e afro-brasileira)

Rumo

É tempo, companheiro!
Caminheemos ...
Longe, a Terra chama por nós,
e ninguém resiste à voz
Da Terra ...

Nela,
O mesmo sol ardente nos queimou
a mesma lua triste nos acariciou,
e se tu és negro e eu sou branco,
a mesma Terra nos gerou!

Vamos, companheiro ...
É tempo!

Que o meu coração
se abra à mágoa das tuas mágoas
e ao prazer dos teus prazeres
Irmão
Que as minhas mãos brancas se estendam
para estreitar com amor
as tuas longas mãos negras ...
E o meu suor
se junte ao teu suor,
quando rasgarmos os trilhos
de um mundo melhor!

Vamos!
que outro oceano nos inflama.. .
Ouves?
É a Terra que nos chama ...
É tempo, companheiro!
Caminheemos ...
(Alda Lara, Angola)

PARA UM NEGRO

para um negro
a cor da pele
é uma sombra
muitas vezes mais forte
que um soco.

para um negro
a cor da pele
é uma faca
 que atinge
muito mais em cheio
 o coração.

EU, PÁSSARO PRETO

eu,
pássaro preto,
cicatrizo
queimaduras de ferro em brasa,
fecho o corpo de escravo fugido
e
monto guarda
na porta dos quilombos.

NEGRO FORRO

minha carta de alforria
não me deu fazendas,
nem dinheiro no banco,
nem bigodes retorcidos.

minha carta de alforria
costurou meus passos
aos corredores da noite
de minha pele.

FAÇA SOL OU FAÇA TEMPESTADE

faça sol ou faça tempestade,
meu corpo é fechado
por esta pele negra.

faça sol ou faça tempestade
meu corpo é cercado
por estes muros altos,
— currais
onde ainda se coagula
o sangue dos escravos.

faça sol
ou faça tempestade,
meu corpo é fechado
por esta pele negra.

(Adão Ventura, Brasil)

Fogo e ritmo

Sons de grilhetas nas estradas
cantos de pássaros
sob a verdura úmida das florestas
frescura na sinfonia adocicada
dos coqueirais
fogo
fogo no capim
fogo sobre o quente das chapas do Cayatte.
Caminhos largos
cheios de gente cheios de gente
em êxodo de toda a parte
caminhos largos para os horizontes fechados
mas caminhos
caminhos abertos por cimada impossibilidade dos braços.
Fogueiras
 dança
 tamtam
 ritmo

Ritmo na luz
ritmo na cor
ritmo no movimento
ritmo nas gretas sangrentas dos pés descalços
ritmo nas unhas descarnadas
Mas ritmo
ritmo.

Ó vozes dolorosas de África!

(Agostinho Neto, Angola)

Voz do sangue

Palpitam-me
os sons do batuque
e os ritmos melancólicos do blue

Ó negro esfarrapado do Harlem
ó dançarino de Chicago
ó negro servidor do South

Ó negro de África

negros de todo o mundo

eu junto ao vosso canto
a minha pobre voz
os meus humildes ritmos.

Eu vos acompanho
pelas emaranhadas áfricas
do nosso Rumo

Eu vos sinto
negros de todo o mundo
eu vivo a vossa Dor
meus irmãos.

(Agostinho Neto, Angola)

Noite

Eu vivo
nos bairros escuros do mundo
sem luz nem vida.

Vou pelas ruas
às apalpadelas
encostado aos meus informes sonhos
tropeçando na escravidão
ao meu desejo de ser.

São bairros de escravos
mundos de miséria
bairros escuros.

Onde as vontades se diluíram
e os homens se confundiram
com as coisas.

Ando aos trambolhões
pelas ruas sem luz
desconhecidas
pejadas de mística e terror
de braço dado com fantasmas.

Também a noite é escura.

(Agostinho Neto, Angola)